



DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Verdade e consequências

coordenação e apresentação
Manuel Collares-Pereira

prefácio
Viriato Soromenho-Marques

DOCUMENTA

CAPÍTULO 5	
Cenários de referência para as emissões de CO₂ com origem na queima de combustíveis fósseis e produção de cimento: emissões globais, e os seis maiores emitentes e Portugal.....	167
José M. Belbute, Alfredo M. Pereira	
CAPÍTULO 6	
Modos de afecção, conspirando com as ribeiras.....	197
Maria Ilhéu, Mariana Valente	
CAPÍTULO 7	
Alterações climáticas: desafio global de longo prazo, soluções locais e globais do curto e longo prazo.....	219
Miguel Rocha de Sousa	
CAPÍTULO 8	
Dizer adeus ao jardim das delícias terrestres: uma introdução benigna à 6.^a Expulsão.....	253
José Manuel Martins	
<i>Notas biográficas</i>	313

CAPÍTULO 8

**Dizer adeus ao jardim das delícias terrestres:
uma introdução benigna à 6.^a Expulsão**

José Manuel Martins

Departamento de Filosofia, Universidade de Évora

«[...] y hasta la muerte, todo es vida; [...]»

(Cervantes, *Don Quijote de la Mancha*, Cap. LIX)

RESUMO

O verdadeiro centro de gravidade da «crise climática» reside menos no seu aspecto natural e objectivo de «climática» do que no seu aspecto social e subjectivo de «crise», como se a *nomeação* do monstro apocalíptico o exorcizasse. Há uma crise dentro da crise, e pior, escondida: a mesma civilização fóssil que produziu em primeiro lugar a vertigem da iminência de uma 6.^a Extinção da vida na Terra, permanece agora suspensa numa espécie de hipnose mágica incapaz de reagir ao facto absoluto e imperativo de que «a casa está a arder» (e não há planeta B). Tempestade perfeita: porque, por um lado, a consciência geral da humanidade *simula* reagir, delegando porém essa responsabilidade em terceiros que o façam em vez dela, por outro, a estrutura temporal da causalidade climática é profundamente insidiosa e furtiva, e só se manifesta alarmantemente quando for tarde demais; a tal ponto que nos arriscamos ao paradoxo de só haver tempo futuro até 2030 e, daí para a frente, apenas e puramente tempo passado, quer dizer, um destino irreversível já traçado.

Este capítulo situa-se metodologicamente à escala do seu objecto específico: não a «crise climática», mas o acontecimento historial integral em que ameaçam chegar ao fim simultaneamente a história dos homens e a história da natureza. Tomando de empréstimo o modo-de-ser do seu objecto de estudo e convertendo-o em modelo teórico, o seu horizonte temático, disciplinar e autoral conjuga *organicamente* filosofia, ecologia, sociologia, antropologia, biologia, psicanálise, teoria crítica; o sentido do universo, da existência, da vida, do ser; o papel funcional do Negativo e da morte nos fenómenos da totalidade orgânica e dos ecossistemas, mas também na estrutura da existência, na constituição da consciência, nas formas do saber e da verdade; a revisão da relação entre *homo sapiens sapiens* e as hipóteses Gaia e Medeia, e a reconstrução do imperativo categórico (Kant) e do princípio responsabilidade (Jonas) em imperativo ecológico; a reabilitação polémica do antropocentrismo e do tecnocapitalismo; ou explorando os efeitos constelacionais de ler reciprocamente Lovelock, Hegel, Žižek, Heidegger, Freud.

Procede, porém, não no pleno desenvolvimento fundante, analítico e argumentativo das suas teses e reflexões, mas como um átrio introdutório e um roteiro de um estudo mais vasto a publicar separadamente.

Do alarme climático-político de tipo *thunberguiano* ao impensado ontológico da «crise»

Apresenta-se este capítulo como roteiro parcial de um estudo mais vasto e ainda em curso, a publicar separadamente. Espera-se que ele possa funcionar às avessas de Janus, simultaneamente como ensaio introdutório à versão desenvolvida e sua sinopse recapitulativa.

Privilegiando aclarar aqui as principais articulações temáticas num sistema concatenado, será feita economia das argumentações extensas, do pormenor analítico e dos múltiplos referenciais de contexto e extensão (quer teóricos, quer factuais) que instruem o escrito na sua versão completa. Em concordância com os imperativos de brevidade expositiva, vêem-se igualmente aqui omitidos, e dados por adquiridos (junto do leitor ideal omnisciente), os múltiplos esclarecimentos terminológicos e/ou doutrinários que, em contraste, guarnecem o texto integral desta indagação acerca das «últimas coisas».

E também, *eo ipso*, de algumas filosoficamente primas. Sobretudo daquelas — escandalosas e inadmissíveis, muito mais «inconvenientes» do que a «verdade» do senhor Al Gore — que aquilo a que um Heidegger chama «a inessência da verdade» traz encobertas, recalçadas, absolutamente excluídas de antemão de toda a copiosa revoada bibliográfica que correntemente se afadiga e mortifica em torno do fim do mundo e das charadas da respectiva salvação *in extremis* ou mesmo já depois.

Digamos que todo o estilo de questionamento teórico do complexo problemático histórico-total em que nos encontramos envolvidos (como num casulo de destino estupidamente segregado pela nossa própria baba insaciável), se vem conformando, no panorama internacional vigente da preocupação e do activismo climáticos, com um modelo dual, porque due-